

**O mito bandeirante e a escalada da intransigência no mundo virtual -  
Número 18 - 07/2011**

Pedra fundamental na construção da identidade paulista, o imaginário acerca do mito bandeirante é um dos responsáveis, inclusive por sua perenidade, pela demarcação de uma pretensa singularidade. A noção, dotada de uma veracidade histórica, atribui às bandeiras paulistas o protagonismo da conquista e formação do território, bem como, de sua ocupação e povoamento. O espírito aventureiro, a oposição ao poder estatal da metrópole, formaria aquilo que conjugaria o acaso e a disciplina na abertura de caminhos virgens. Assim, para alguns estudiosos e intérpretes, como no caso clássico de Cassiano Ricardo, o movimento das bandeiras foi capaz de fazer nascer, em terras brasileiras, um espírito americano em contraposição aos maléficos aspectos que formam o arcabouço cultural ibérico.

De modo conclusivo, o mito bandeirante, que orienta uma autocompreensão identitária, se estende – e se fortalece -, conseqüentemente, como dado capaz de estabelecer no passado a justificação do progresso e da decantação, dotada de uma naturalidade, da mentalidade capitalista em meio aos paulistas. Em uma operação inversa à oposição de Vianna Moog, o imaginário sobre o bandeirante o aproxima do tipo pioneiro anglo-saxão, mas efetuando um cálculo às avessas: os caminhos que destrancam o sertão dariam os contornos essenciais de um bem-sucedido desenvolvimento, mas, que por sua vez, é realizado em sua completude no ponto de origem, São Paulo.

A construção que povoa o imaginário daqueles que se intitulam os descendentes dos bandeirantes coloca como algo menor, ou melhor, um mal necessário, a relação entre a trajetória de conquistas – a corrida pelo ouro e a construção do território nacional – e a violência intrínseca aos seus atos: a escravização dos nativos, saques e roubos, brutalidades e mortes. Assim, edifica-se o mito de uma raça de gigantes, apesar de suas ações violentas e dos aprisionamentos dos povos indígenas, a guiar a mentalmente a locomotiva do país.

Desta perspectiva, o mito bandeirante, em sua imensa capacidade de dar sentido e unidade ao senso comum, sobretudo, em meio às camadas médias conservadoras, se reproduz, reintroduzindo cotidianamente uma diferenciação em âmbito nacional, entre um “nós” e um “eles”, de opostos que se repelem: a mentalidade do progresso, de um lado, e a mentalidade do atraso, de outro.

A manifestação dessas distinções se traduz nessa sua dimensão cotidiana, muitas vezes, na forma de preconceitos, como na infeliz e recorrente violência efetiva e simbólica que sofrem àqueles oriundos da região nordeste, residentes no estado de São Paulo. Atualmente, mesmo com o retrocesso nos índices a respeito dos fluxos populacionais na rota Nordeste-Sudeste, a

oposição expressada como discriminação permanece. Mais do que isso: é curioso perceber, no curso de um período considerado de expansão do capitalismo no Brasil e progresso material, que a publicização de um sentimento de superioridade e desprezo em relação aos supostos detentores da mentalidade do atraso se intensifica.

Este avivamento, por seu turno, encontrou morada nas ferramentas da Internet, os chamados sites de relacionamento (deixemos de lado, aqui, os novos usos e significados que a palavra escrita assume nestes ambientes. Ou seja, as pessoas se comunicam como se estivessem em sua esfera privada, quando na realidade estão aos olhos de milhões de espectadores). Ano passado, ao final do segundo turno da eleição para presidente da República, com a vitória de Dilma Roussef, uma série de agressões verbais, principalmente, dirigidas à população do Nordeste, foram publicadas na rede social twitter. As mensagens, daqueles que estavam descontentes com o resultado do pleito, responsabilizavam os nordestinos pela conquista petista. A situação alcançou o seu auge com uma estudante de direito paulista que escreveu: “nordestino não é gente, faça um favor a São Paulo, mate um nordestino afogado”.

A indignação e a responsabilização de uma parcela da população brasileira pelo resultado, horas depois de terminada a eleição, era corroborada pelos números e dados estatísticos que anunciavam a vitória de José Serra, do PSDB, no Sul e Sudeste (e Centro-Oeste) e, enquanto no Norte e Nordeste, a maioria figurava a favor da petista. Posteriormente, a tal divisão do voto no país seria literalmente pintada pela imprensa, com um mapa que mostrava a parte de cima, vermelha, e a parte de baixo, azul. Para os jovens ávidos por demonstrar sua intolerância na grande rede, este episódio era a prova certa de que a divisão estava posta: ganharam a eleição os que queriam a prorrogação de uma política assentada no assistencialismo e no populismo; perderam, aqueles que acreditam na lógica do mercado, com menos intervenção estatal. Além disso, a contragosto, foi derrotada, segundo as opiniões inflexíveis, justamente a porção do território nacional que sustenta as políticas sociais, consideradas equivocadas.

Na época, em defesa da estudante de direito mencionada acima, uma outra jovem, Fabiana Pereira, argumentou que aquilo era apenas um desabafo. Pereira, por sua vez, faz parte de um grupo então recém-criado, Movimento São Paulo para os Paulistas. Este movimento, segundo seus integrantes, luta pela defesa da cultura paulista, em resposta à valorização da cultura nordestina no estado, levada a cabo por deputados originários do nordeste, como no caso da criação de uma disciplina escolar “culturas do nordeste”, que deixaria de lado a história de São Paulo, dos bandeirantes. É curioso, voltando ao tema da eleição, o modo como Fabiana Pereira interpreta o seu resultado, em entrevista ao Terra Magazine (04/11/2010): “o Brasil, na verdade, parece que é dividido em duas culturas. Minas é mais identificada com o Nordeste, não sei se é por motivos de colonização. Não sei quais as

causas. Se você olhar aquele mapa que dá meio vermelho, meio azul do (José) Serra e da Dilma, é sempre assim. Parece que um se identifica mais com uma ideologia e outro, com outra ideologia. Então, mesmo que tirasse o Nordeste, talvez ela se elegesse da mesma forma. Mas o pessoal não deixa de culpar... Culpar entre aspas, né?! Sabe que lá (Nordeste) é um celeiro mesmo, que vota no assistencialismo, no populismo”.

Não é preciso argumentar o quão equivocada pode ser essa avaliação, de um país repartido em dois pelo voto. Mas o Movimento São Paulo para os Paulistas pode ser encarado como o extremo de uma escalada da intolerância na Internet que permanece, mesmo após o final do período eleitoral. Recentemente, sobre essas manifestações, Marcelo Rubens Paiva ([estadao.com.br/blogs](http://estadao.com.br/blogs) – 23/05/2011) falou de uma moda do reaçã no Brasil, onde se percebe que as famosas mediações Gilberto-freirianas podem ter caído por terra, em nossa contemporaneidade mais alinhada com a crieza exposta dos conflitos sócio-culturais entre regionalismos que compõe o cenário nacional.

Por fim, a intransigência atual (assim como suas manifestações passadas), em sua relação com o mito bandeirante, não inclui em seu cálculo a relação econômica e social entre as regiões, bem como, a contribuição de populações de outras localidades, que atuaram de modo preponderante na constituição da mentalidade e do desenvolvimento do território paulista. O mito se reproduz, portanto, ao lado da falsa noção da formação de um protagonismo que não depende de uma relação espacial construída nacionalmente.

\*\*\*

**Rafael Abreu**